

**PRÁTICAS EDUCATIVAS INTERDISCIPLINARES EM PROJETOS DE
TURISMO PEDAGÓGICO****INTERDISCIPLINARY EDUCATIONAL PRACTICES IN PEDAGOGICAL
TOURISM PROJECTS****PRÁCTICAS EDUCATIVAS INTERDISCIPLINARIAS EN PROYECTOS DE
TURISMO PEDAGÓGICO**

Estela Maris Giordani¹
Andréia Saidelles Rossi²

RESUMO

O turismo pedagógico (TP) envolve saídas à campo com intencionalidade no planejamento, na execução e na avaliação, que podem transformar-se em projetos de trabalho. O principal objetivo da pesquisa é estudar as práticas educativas interdisciplinares em projetos de TP nos anos iniciais do ensino fundamental do município de Santa Maria - RS. A metodologia é de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, em uma escola do campo. A coleta de dados foi com entrevistas semiestruturadas, com dez professores, e a análise deles, através da técnica de análise de conteúdo. Os resultados visam à socialização segura e autônoma da escola e comunidade num planejamento integrado a várias disciplinas e flexível, a partir de cada turma; utilização de registros audiovisuais, orais e escritos individuais ou coletivos, e o impacto da educação financeira em projetos de TP que trabalham os cinco sentidos na horta escolar, por exemplo. Viagens recreativas são pedagógicas, há experiência, conhecimento in loco, avaliação processual e respeito aos níveis de alfabetização para o desenvolvimento integral.

Palavras-chave: Turismo Educacional; Interdisciplinaridade; Projetos Educativos.

ABSTRACT

Pedagogical tourism (TP) involves field trips with intentionality in planning, execution and evaluation, which can transform into work projects. The main objective of the research is to study interdisciplinary educational practices in PT projects in the initial years of elementary school in the city of Santa Maria - RS. The methodology is a qualitative approach, of the case study type, in a rural school. Data collection was carried out through semi-structured interviews with ten teachers, and their analysis was carried out using the content analysis technique. The results aim for the safe and autonomous socialization of the school and community in a planning integrated across various subjects and flexible, starting from each class; use of individual or collective audiovisual, oral and written records, and the impact of financial education on PT projects that work with the five senses in the school garden, for example. Recreational trips are

¹ Doutorado em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, <https://orcid.org/0000-0002-7907-6125>, estela.giordani@ufsm.br.

² Especialista em Educação Física e Gestão Escolar; Pedagogia Gestora: administração, supervisão e orientação; Tutoria EAD e Docência do Ensino Superior; Pedagogia Empresarial e Hospitalar; Pedagogia Digital e inovações tecnológicas; Pedagogia Social e elaboração de projetos sociais; Secretariado Escolar; Neuropsicopedagogia; Psicopedagogia Clínica, Institucional e Educação Especial; EJA e Informática da Educação. Universidade Federal de Santa Maria, <https://orcid.org/0009-0007-5604-4968>, deiasaidelles@gmail.com.



educational, there is experience, on-site knowledge, procedural evaluation and respect for literacy levels for integral development.

Keywords: Educational Tourism; Interdisciplinarity; Educational Projects.

RESUMEN

El turismo pedagógico (PT) implica salidas de campo con intencionalidad en la planificación, ejecución y evaluación, que pueden transformarse en proyectos de trabajo. El principal objetivo de la investigación es estudiar las prácticas educativas interdisciplinarias en proyectos de PT en los primeros años de la escuela primaria en la ciudad de Santa María - RS. La metodología es un enfoque cualitativo, del tipo estudio de caso, en una escuela rural. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestructuradas a diez docentes, y su análisis se realizó mediante la técnica de análisis de contenido. Los resultados apuntan a la socialización segura y autónoma de la escuela y la comunidad en una planificación integrada en varias materias y flexible, a partir de cada clase; uso de registros audiovisuales, orales y escritos individuales o colectivos, y el impacto de la educación financiera en proyectos de PT que trabajan los cinco sentidos en el huerto escolar, por ejemplo. Los viajes recreativos son educativos, hay experiencia, conocimiento en sitio, evaluación de procedimientos y respeto a los niveles de alfabetización para el desarrollo integral.

Palabras clave: Turismo Educativo; Interdisciplinarietà; Proyectos Educativos.

INTRODUÇÃO

Evidencia-se que as práticas de turismo pedagógico (TP) não são apenas viagens ou passeios movidos ao lazer, à recreação ou atividade de férias, mas, sim, valiosas oportunidades de proporcionar prazer em aprender. Elas promovem o aprendizado junto à diversão em ambientes para além da sala de aula, capazes de virarem lembranças vivas na memória de cada aluno ou professor “turista pedagógico”. A falta de reflexão sobre o assunto abordado pode causar a ideia de que o mundo é apenas aquele em que os protagonistas da escola convivem e vivem. Há outros mundos por aí para ser descoberto por eles. Observou-se que no período pós-pandemia, as crianças ficavam mais curiosas para contemplar a realidade da sua comunidade, registrar as novidades do cotidiano. Elas têm mais interação consigo mesmas, com diversos públicos, diferentes culturas em diversos tempos e espaços educativos pertencentes ou não a cidade de Santa Maria.

Definiu-se que, com a realização desta pesquisa, se pretende alcançar o seguinte objetivo geral: estudar as práticas educativas interdisciplinares em projetos de TP nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos:

- 1) Analisar o planejamento e organização (antes, durante e depois) de um projeto de TP;
- 2) Compreender as experiências ao relacionar conteúdos teóricos e de diferentes áreas do conhecimento com a realidade durante os projetos de TP;
- 3) Discutir a avaliação das atividades dos projetos de TP.



Ao longo deste artigo, realizou-se uma pesquisa tentando responder à curiosidade da investigadora que considera, por exemplo, como desenvolver um projeto de trabalho voltado para o estudo das práticas educativas interdisciplinares de TP. Diante disto, a problemática da pesquisa gira em torno de: Como promover o estudo de práticas educativas interdisciplinares em projetos de TP dos anos iniciais do ensino fundamental? Assim, a pesquisa auxilia a entender um pouco da pedagogia em espaços escolares e principalmente não escolares, além de compreender a necessidade de projetos em espaços educativos da educação turística.

Cada experiência de aula-passeio vivenciada pela autora durante sua vida escolar e extraescolar gerou conhecimento durante o processo de ensino-aprendizagem. Analisando hoje estas vivências, percebe-se que valeu a pena, pois enriqueceu os estudos e trouxe encantamento no modo de olhar para os pequenos acontecimentos do cotidiano, as diferentes culturas existentes na sociedade brasileira, o meio ambiente e as diversas histórias de vida. A partir daí, notou-se a viabilidade de elaborar um estudo sobre estas práticas de TP.

A seguir apresenta-se o caminho da fundamentação teórica e conta-se o percurso metodológico das práticas de TP. Logo, demonstram-se os dados e a discussão de cada objetivo da pesquisa. Por fim, expressam-se as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Percebe-se cada vez mais, a necessidade de ousar sair da rotina de sala. Nota-se que esta prática didático-pedagógica também possibilita a conscientização dos docentes e discentes acerca das soluções para os problemas naturais, sociais, culturais e históricos em que vivem muitas comunidades. Segundo Bonfim (2010), fora do espaço físico da escola, e numa visão interdisciplinar dos conteúdos, os alunos viverão os acontecimentos de forma propositiva, envolvendo-se nas soluções de problemas e ideando questionamentos sobre a vida. Desse modo, não é possível transformar a nós mesmos e o mundo, sem sonho, sem propósito diário, sem projeto de vida. Uma das formas que facilita a educação é o trabalho de projetos interdisciplinares de TP.

Para Hernández, a organização do currículo das escolas, precisa ser feita por meio de projetos de trabalho, unindo diversos protagonistas escolares (alunos, professores, funcionários, gestores, famílias). Assim, é possível trabalhar a interdisciplinaridade através da Pedagogia de Projetos a partir de questões do grupo.

Nela, os alunos produzem conhecimentos por meio de experiências com a mediação dos professores. Com base nisso, Hernández (1998, p. 82) define o que pode ser um projeto de trabalho da seguinte maneira:

Quadro 1 – O que poderia ser um projeto de trabalho

1. Um percurso por um tema-problema que favorece a análise, a interpretação e a crítica (como contraste do ponto de vista);
2. Onde predomina a atitude de cooperação, e o professor é um aprendiz e não um especialista (pois ajuda a aprender sobre temas que irá estudar com alunos);
3. Um percurso que procura estabelecer conexões e que questiona a ideia de uma versão única de realidade;
4. Cada percurso é singular e se trabalha com diferentes tipos de informação;
5. O docente ensina a escutar: do que os outros dizem também podem aprender;
6. Há diferentes formas de aprender aquilo que queremos ensinar (e não sabemos se aprenderão isso ou outras coisas);
7. Uma aproximação atualizada aos problemas das disciplinas e dos saberes;
8. Uma forma de aprendizagem na qual se leva em conta que todos os alunos podem aprender, se encontrarem um lugar para isso;
9. Por isso, não se esquece que a aprendizagem vinculada ao fazer, a atividade manual e a intuição também são uma forma de aprendizagem.

Fonte: Hernández (1998, p. 82).

A partir disso, para a organização das ideias do professor, vale compreender como se desenvolve um projeto de TP. Ao levar os alunos para uma aula-passeio, é preciso pensar na intencionalidade do planejamento deste trabalho. Muitas vezes, os alunos criam uma expectativa apenas de diversão, sem a expectativa de aprender durante

uma visita de estudo. Faz-se necessário dialogar sobre os objetivos da aula e por quais motivos será realizado um passeio, criando um contrato de convivência com a turma.

Os principais aspectos [...] para a realização de um projeto de Turismo Pedagógico são relacionados ao contexto local, ao público (ou seja, à idade e ao nível de escolaridade dos alunos) e aos objetivos do projeto. Para isso, você deve se fazer algumas perguntas: Em que contexto está inserida a comunidade onde está a escola? A escola é no meio rural ou no meio urbano? Pretendo desenvolver turisticamente essa comunidade? Ela já é uma localidade turística? Qual a faixa etária dos alunos? Qual o nível de escolaridade dos alunos? Que habilidades e ideias eu quero desenvolver nos alunos com o projeto? (MORAES, (2016, p. 179).

Na Pedagogia, sabe-se que o estudo do meio também faz parte de um projeto de TP. Sendo assim, o TP possui atividades realizadas fora da sala de aula, mas tem seu início e seu fim dentro dela. De acordo com Milan (2007, p. 29), um educador chamado Piza (1992) defende também que o processo de Estudo do Meio devia se desenvolver em três fases distintas.

PRIMEIRA ETAPA: Planejamento – Preparação em sala de aula pelos professores de diversas disciplinas, juntamente com os alunos, dentro de um plano integrado de ensino e aprendizagem. Esta é a fase de organização do projeto de trabalho que deveria contar com a participação dos alunos, num exercício de democracia, por meio da escolha do local, da elaboração de regras, da pesquisa sobre o lugar.

SEGUNDA ETAPA: Realização da atividade extraclasse – Vivência na prática de conteúdos curriculares aprendidos na teoria. É a fase da execução, por meio da reflexão, da observação e do registro para coleta dos dados para o trabalho.

TERCEIRA ETAPA: Avaliação – De volta a sala de aula, os estudantes podem explorar os resultados das experiências por meio da apresentação de suas conclusões sobre a atividade extraclasse. Isso pode ocorrer em forma trabalhos individuais ou coletivos, de relatórios, registros audiovisuais com fotos, vídeos, desenhos, textos ou seminários integradores entre os vários protagonistas da escola, por exemplo.

Esta nova forma de planejamento de TP, ao levar o aluno a ampliar a sua visão de mundo, pode resultar em mudanças de atitudes perante a vida. Isto gera melhor adaptação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com os diversos espaços educacionais em que aprendeu a experimentar e a conhecer.

METODOLOGIA

Para obter os resultados acerca dos objetivos e da problematização apresentada neste trabalho, elaborou-se uma pesquisa de campo na Escola Municipal do Ensino Fundamental José Paim de Oliveira, situada na localidade de Alto das Palmeiras, no distrito de São Valentim do município de Santa Maria. Foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, a fim de estudar as práticas educativas interdisciplinares em projetos de TP nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Trivinos (1987, p. 133), caracteriza-se como uma pesquisa que possibilita ampla liberdade metodológica para análise dos dados.

Nesta pesquisa, os entrevistados foram dez professores de uma escola do campo. Com o intuito de selecionar os entrevistados, utilizaram-se números naturais em ordem crescente de 1 a 10:

1. Professor 1- (P1): 59 anos de idade e 33 anos de experiência nos anos iniciais (AI), magistério, graduado em pedagogia, pós-graduado em coordenação pedagógica;
2. Professor 2 -(P2): 69 anos de idade, magistério, formado em ciências físicas e biológicas, especialista na área da Educação para ciência;
3. Professor 3- (P3): 64 anos de idade, 18 anos de experiência nos AI, magistério, especialista em português, gestão escolar, psicopedagogia e supervisão escolar;
4. Professor 4- (P4): 60 anos de idade e 32 anos de experiências nos AI, licenciado em Educação física com especialização em treinamento Físico Desportivo;
5. Professor 5- (P5): 52 anos de idade e 16 anos de experiência nos AI, formado em técnico agrícola, pedagogia, pós-graduado em educação infantil e em gestão escolar;
6. Professor 6 -(P6): 54 anos de idade e quatro anos de experiências nos AI com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental, formado em Pedagogia, Educação Infantil e pós-graduado em informática;
7. Professor 7- (P7): 43 anos de idade e 20 anos de experiência nos AI, magistério, graduado em matemática, especialista em ensino de matemática e em gestão escolar, mestre em ensino de matemática;
8. Professor 8 -(P8): 56 anos de idade e 31 anos de experiência nos AI, pedagoga e mestre em ensino, humanidades e linguagens pela UFN (Universidade Franciscana);
9. Professor 9 -(P9): 59 anos de idade e 35 anos de experiência nos AI, formado em Pedagogia e pós-graduado em educação religiosa;
10. Professor 10 -(P10): 60 anos de idade e 10 anos de experiência nos AI, formado em estudos sociais, área de história e geografia.

Para construir os dados da pesquisa, elaboraram-se entrevistas semiestruturadas com os professores da escola do campo que foram realizadas diretamente na escola ou via chamadas por telefone. Cada uma durou em torno de 30 min à 1h e aumentou conforme persistia a curiosidade de cada um. Foi utilizado um roteiro de perguntas para produzir dados com os professores. Por último, os registros orais ficaram gravados por meio de áudio para depois, serem transcritos, a fim de organizar o discurso.

Logo, sugeriu-se a análise de conteúdo para analisar os dados. Bardin (2011, p. 101) destaca três etapas no processo de análise de conteúdo: pré análise, exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

Com a metodologia detalhada neste capítulo, a pesquisa agora é voltada para a materialização dos achados. No próximo capítulo, os dados coletados serão interpretados e contextualizados com o referencial teórico, o que permite que as informações obtidas revelem as nuances da temática.

Planejamento e organização (antes, durante e depois) de um projeto de TP

No cenário da pesquisa comentou-se a partir das entrevistas sobre o planejamento e a organização – antes, durante e depois – de um projeto de TP. A seguir divulga-se e analisam-se alguns depoimentos das entrevistas. Nesta seção encontram-se seis temáticas: a) a liberdade do planejamento integrado por meio do interesse dos protagonistas da escola, b) o desenvolvimento da socialização das culturas escolares e comunitárias no planejamento dos projetos de turismo pedagógico, c) a responsabilidade de planejar com flexibilidade a partir de cada turma, d) o incentivo à curiosidade de registros audiovisuais por meio da escola, e) a importância da atenção para a segurança das saídas pedagógicas, g) o impacto da educação financeira nos projetos de TP.

Em relação à primeira temática, a P10 comunica “essa conexão com outras disciplinas, um planejamento detalhado [...] planejar junto com os demais professores e com as crianças.” E relata: “na maioria das vezes, elas te dão ideias que tu nem imagina, melhores que a gente imaginou e isso só enriquece o trabalho.” A P1 diz que “planejamento de conteúdo da disciplina para o ano daquela turma, geralmente nas reuniões pedagógicas a gente conversava entre os professores”. Diz que “tinha um tema gerador e em cima dele, a gente via o que a gente podia encaixar de conteúdo de sala de

aula com a teoria e desenvolver a prática dele”. E finaliza “a gente consultava os alunos, dificilmente vai ter um aluno que não vai achar interessante tal lugar pra passear”.

A P10 enfatiza que “o planejamento, tu vai fazer a interdisciplinaridade com as outras ciências, tudo que é bem planejado dá certo, o que não é bem planejado pode até dar, mas ele não vai dar tão certo como aquele que planejou direito.” Afirma que teve “vários trabalhos em que eu, professora de história e geografia, fiz um planejamento com uma professora de português, de matemática e de artes, a gente conseguiu conciliar todas essas disciplinas, tudo com planejamento prévio”. E a partir disso, “o aluno já saía da escola sabendo o que ele precisava trabalhar lá, durante o passeio ou a viagem.” Ademais, “no trabalho conjunto, no trabalho interdisciplinar, o professor vai ter subsídio para trabalhar com vários conteúdos, outros temas [...] pode haver o estudo da ecologia, do meio ambiente, da saúde, da natureza, da ética.” Diz que: “levar os alunos pra lá e pra cá depende da boa vontade do professor e do interesse da turma.”

O P5 comenta que “A gente tá trabalhando um assunto né? Aí surge a possibilidade de fazer aula-passeio e a interdisciplinaridade nós trabalhamos muito aqui, todos os temas sempre estão integrados no planejamento”. A exemplo disso, informa “meio ambiente, ecossistemas aquáticos e terrestres. [...] foi feito um trabalho antes” alega que houve “possibilidade de fazer uma caminhada ecológica [...]”. Ademais diz que “Não foi pedido autorização, porque a gente saiu a pé. Mas quando é em um local que depende de transporte tem autorização dos pais”. Enfatiza que “As crianças têm liberdade de perguntar, de dar ideias ou sugestões de novos passeios, sempre cai na disponibilidade de transporte, se a prefeitura não dá depende da escola ter verba no momento.” Salienta que “A gente sempre tá querendo sair pra conhecer ou aprender.” Comenta “Se o aluno dá ideia do local ele se sente parte do processo, a gente dá opções, tem estes, estes e estes, vamos aonde? Por que vamos lá? o que vamos aprender lá?”. E informa “Se for para passear, viajar para fora da sala de aula, eles tão sempre prontos.”

O P5 ainda diz que às vezes, realiza-se uma aula-passeio para depois trabalhar um determinado tema ou se trabalha um tema para depois realizar a aula passeio.

Numa atividade, sempre tem um objetivo, tem um assunto, um tema que tá sendo trabalhado ou ao contrário. Às vezes a gente faz primeiro o passeio para depois trabalhar o tema para eles já terem mais ou menos o conhecimento do assunto que vai ser trabalhado ou o assunto que foi trabalhado e depois esse passeio ou essa viagem para eles aprofundarem o que foi visto dentro de sala de aula. (Entrevista P5).

Segundo Moraes (2016, p. 105), “O Turismo Pedagógico mostra-se como uma nova possibilidade para as escolas e universidades. É um modo de aprender mais interessante e prazeroso”. Dessa maneira, ao conciliar várias disciplinas científicas não apenas dentro, mas também fora da escola, as crianças encontrarão prazer em ensinar e aprender em grupo. Mostra-se evidente o desenvolvimento da socialização das culturas escolares e comunitárias no planejamento dos projetos de TP.

Sobre a segunda temática, a P2 destaca que se o tema for “sustentabilidade [...] vamos ver onde nós podemos ir e se começava ali o planejamento [...] algum lugar que tivesse realmente aquele tema que a gente tivesse abordado em aula”. Afirma que “visitar a propriedade rural sustentável [...] havia a possibilidade deles fazerem tudo aquilo que a gente viu lá também na propriedade deles, [...] começa por vocês”. Relata que “tem coisas que dependem financeiramente para poder estruturar numa propriedade, mas tem coisas simples que dá para as crianças fazerem em casa, é assim, nas pequenas atitudes que vai mudar o meio ambiente.” Diz que “essa mudança acontece com eles mesmos e passando por eles, passa pelos pais, passa pra família, então eles vão repassando o que eles aprenderam e ensinando a outras pessoas”.

A P3 relata que “momento da conversa: Para que finalidade o passeio? O aluno faz suas anotações ou seu esquema de informações para discutir em aula e após partir para o trabalho escrito, apresentação, maquete”. Alega que “passeios tinham a ver com aquilo que trabalhamos em sala de aula, sempre relacionando bastante com a redação, textos livres fora da sala de aula sobre algum passeio, mais trocas de diálogo, mais integração entre todos”. O P4 relata que “Cada passeio, cada atividade era novidade, nenhuma foi igual à outra e trabalhava mudanças assim mais fisiológicas que aconteciam durante seu corpo, as partes do corpo”. Comunica que “tinham um grupinho de amizade, queriam ficar mais próximos uns dos outros, até de mãos dadas, desenvolver essa socialização, esse relacionamento entre eles, esse espírito de união, a convivência humana.” E relembra que havia sempre “muita conversa, vinham assuntos de casa, do que eles viam lá fora, é muito rico o que eles vinham conversando entre eles, sempre relacionando com a vida que eles viviam, com vizinhos na comunidade, além da escola”. O P4 relata que: “Tinha um menininho que queria fazer aquelas caminhadas com nós [...] Dá vontade de tá no grupo.” E complementa: “Passar o objetivo das aulas. Por que acontecem as caminhadas? E fazer com que os pais e a comunidade também percebam essa importância e ajude no momento de conhecimento, de sabedoria, de retornar para os alunos.” Para a P10, “Quando tu vai em um lugar, tu vai encontrar

peessoas de todas as idades né? Então o contato com crianças, com adultos, com jovens, com idosos, é questão de sociabilidade, de cidadania”.

O planejamento para a realização de um projeto de TP precisa ser interdisciplinar, intencional, estratégico, voltado para o ritmo da turma, aberto à novidade, interativo, responsável e flexível. Deve ser produzido em grupo, sendo assim um exercício democrático. Segundo Moraes (2016, p.132), quando se coloca em prática a teoria do planejamento, é possível que os alunos sejam mais livres e autônomos.

Para a preparação da viagem, o aluno pode ir exercitando a sua autonomia, por exemplo, na escolha do que quer levar ou não na sua mala (isso se seus pais não decidirem por ele, o que muitas vezes, acontece). Durante a viagem, ele poderia decidir o que quer ou não comer; em que passeios levar a máquina fotográfica e o casaco; que lugares visitar etc [...] Com o término da viagem, o aluno provavelmente aprendeu muito sobre o lugar; os costumes das outras pessoas, o modo como elas vivem, se elas são mais ricas ou mais pobres, se elas têm maior cuidado com o meio ambiente etc. O aluno, assim, conheceu o outro. Ele agora tem maior conhecimento sobre realidades sociais, econômicas e culturais diferentes da sua. Isso afeta direta ou indiretamente as suas decisões futuras, e a sua formação humana. Assim, o turismo pedagógico pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia e da liberdade dos alunos.

A responsabilidade de planejar com flexibilidade a partir de cada turma se torna necessária ao passo que acontece a demanda de um planejamento diferente para cada equipe de alunos. Isso potencializa as aprendizagens individuais e coletivas na e fora da sala de aula. É um momento sujeito a mudança nos planos de TP, no qual se discute novas práticas educativas que contribuam para a formação cidadã das crianças.

Em relação à terceira temática, a P6 relata “é uma responsabilidade levar crianças pequenas para outro lugar fora da escola.” E que “na volta no outro dia, a gente faz a avaliação [...] conta se gostaram ou não, o que aprenderam; o que viram de diferente [...] trabalhava em forma de desenho para poder registrar o passeio, registros escritos e também orais.” Destaca que “no final do ano eu revelava as fotos dos passeios.” Recorda-se que “eles se comportavam muito bem [...] A aula-passeio, às vezes, até no dia resolvia o planejamento dela. A gente decidia com as crianças: vamos lá? Vamos.” E complementa “nem sempre o que tu planeja dá certo em certo dia.” A P6 salienta “Excursão pedagógica para passar dias fora, não acontecia.” E completa sua fala: “Não precisei contratar ônibus das empresas de turismo, os passeios sempre foram com o transporte da escola ou da prefeitura. O único medo que eu tinha era de perder

alguém lá, toda vez que a gente entrava no ônibus, eu contava as crianças.” Salienta que “os combinados, o que a gente podia ou não fazer lá, já avisava as famílias e as crianças levavam bilhete para casa” A P7 diz que “cada turma vai demandar um planejamento”. Argumenta que “tem que sempre ter um plano B”.

Compreende-se que há momentos em que se planeja em dias anteriores ou no mesmo dia do trabalho que podem ou não dar certo. Assim, momentos de descontração e de socialização de diferentes culturas aliadas à tecnologia, estimulam o incentivo à curiosidade de registros audiovisuais na escola durante os projetos de TP.

No que convém a quarta temática, a P7 diz que “a gente define o objeto do conhecimento, a forma que vai atingir a maior quantidade de crianças [...] um estímulo para que aquela aprendizagem comece a se desenvolver com a turma [...] é esse o planejamento”. E exemplifica “tenho a horta da escola, o que eu posso fazer? ah depende do olhar do conteúdo, podemos plantar, colher, podemos ver um vídeo e depois ir lá fora ou ir lá fora e ver o vídeo depois”. A P6 informa que “A gente via fotos com os alunos em sala de aula e depois montava um álbum fotográfico.” A P10 afirma que é importante “O planejamento entre professor e aluno, o diálogo, a conversa entre eles, saber qual a curiosidade que eles têm sobre o lugar que vai ser visitado pela turma.” Segundo a P8 “O celular é uma ferramenta pedagógica muito importante, então aqueles que têm, podem usar na hora da saída de campo e na própria escola é permitido o uso dele, as famílias autorizam o uso de imagem e voz, quando é gravado algo.” A P9 comenta que “Quando é postado alguma coisa nas redes sociais, é postado crianças que são autorizadas e só em atividades coletivas, não se posta atividades individuais” Assim “quem organiza a postagem é a gestão, eu passo para a família da criança, mas não faço postagens delas.”. Enfatiza que “a família é preparada ao mesmo tempo, que os alunos, de forma a ter um incentivo, a provocar uma motivação.”

O trabalho com projetos de TP também envolve a gestão da escola. De acordo com Pacheco (2015, p. 171), Visitas de Estudo, envolveria uma “Forma dos alunos interagirem diretamente com o Meio Ambiente, vivenciando experiências e recolhendo dados impossíveis de obter dentro da Escola, ocorrem quando o trabalho realizado assim o exige”. Constata-se a importância da atenção para a segurança das saídas pedagógicas, pois as crianças e as famílias também estão sujeitas a criarem situações boas ou ruins durante as aulas-passeio conforme foram instruídas pela escola. Desse modo, os professores não precisam preparar demais as aulas, eles precisam preparar os alunos e se preparar para as aulas que envolvem práticas de TP.

No que tange a quinta temática, a P 9 enfatiza que “Em primeiro lugar, escolho o lugar para passear dentro das condições de acessibilidade [...] transporte, autorização dos pais, companhia e as portei ras abertas para fazer o passeio ou a viagem de estudos.” Informa que “depois vou dar início a introdução de um conteúdo que desejo desenvolver com o objetivo de incentivar as crianças”. Mas também, de “despertar o desejo de conhecer o tema na realidade, fazendo assim a relação do conhecimento científico com a vida real. Como eu quero desenvolver aquele conteúdo?” Exemplifica “agricultura familiar”. Alega “Isso tem que ser trabalhado com a criança e com a família para eu poder autorizar a saída com segurança”. A P9 diz que “Depois que eu sei o que eu quero trabalhar, que eu sei onde quero ir, comecei o trabalho e junto com a gestão da escola”. E sugere reflexões durante o trabalho “A escola vai ter esse ônibus gratuito para os alunos via prefeitura? Quando esse lugar vai tá disponível? Quando a propriedade vai poder receber a gente?” E outras perguntas como “Essa alimentação vai ser preparada pela escola? Tem um local para a gente fazer um piquenique? Temos como juntar dinheiro para pagar o lanche?” Lembra que “tem que saber respeitar as pessoas e o lugar, saber ouvir com atenção, fazer as perguntas necessárias para elas, agradecer” E diz que “tudo isso é trabalhado antes com a turma para sair com segurança”.

A P 8 destaca que “quando tu sai para campo para fazer um turismo, quantas informações, quantos conhecimentos tem no trajeto que engloba a paisagem, a religiosidade, a cultura, então é um projeto, uma vivência interdisciplinar”. E que “o primeiro passo é a autorização das famílias através de bilhetes. Tem que ser por escrito”. Segundo ela “se tu se desloca da escola para outro local, se tu por acaso for parada pela Polícia Federal, eles pedem a documentação do professor e a autorização para os alunos”. Alega que “o turismo não é uma visita pela visita, o aluno é preparado antes para onde ele vai, como é aquele contexto, [...] prestar atenção naquele lugar.” Lembra que “tem perguntas norteadoras que eles são orientados a estarem ou perguntando para a pessoa que está lá ou observando, refletindo e registrando para que no retorno tudo isso sirva de matéria prima para os seus conhecimentos, seus conteúdos.” Diz que o TP “envolve o planejamento e a avaliação”. O P4 comenta que no “primeiro momento na sala de aula, tinha os combinados e depois, saía para as caminhadas, pedia a atenção deles para tudo e no final teria o retorno para escola”. A P10 complementa:

[...] Essa pedagogia da pergunta é bem importante, onde vamos? o que vamos fazer? Por que vamos fazer? Quando vamos fazer? Como vamos? Vamos a pé ou de ônibus? Com quem? [...] Quando a gente saía, a nossa primeira preocupação era o que vamos levar para o lanche,

[...] quando eles têm fome, acabam não aprendendo bem em cada saída pedagógica né? [...] cada um trazia sua garrafa de água, protetor solar, roupa e sapato confortável [...] é orientação antes do passeio ou da viagem, e daí vem a atenção do professor para tudo (Entrevista P10).

É por meio das interações culturais que os indivíduos são capazes de viver e perceber experiências únicas que deixam marcas positivas ou negativas para toda a vida.

Para Moraes (2016, p. 83), “uma experiência só é bem percebida e vivida, se o indivíduo for capaz de interagir de forma direta com o local, com as pessoas, com o espaço e com a cultura do lugar visitado.” Esta experiência interdisciplinar por meio das aulas-passeio remete a necessidade da Pedagogia da Pergunta e que no caso, das viagens escolares refere-se ao impacto da educação financeira nos projetos de TP

Sobre a última temática, segundo a P10, é necessário ainda pensar nos “valores, deslocamento, alimentação [...] possibilidades que existem para serem feitos esses determinados passeios ou viagens.” E perguntar “Da onde vamos tirar esse dinheiro? Teve muitos momentos que a gente fez rifa para poder fazer determinados passeios, um senhor perto da escola nos deu um patrocínio para a gente poder fazer todo aquele trabalho do livro”. Sabe-se que para realizar um bom projeto de TP, é preciso estar motivado, planejar bem e atentar-se para os detalhes do antes, durante e depois da viagem/passeio.

Pois, este, envolve informações sobre os espaços educacionais, o percurso desde o início até o fim, o trabalho que será realizado pela turma, duração estimada da visita de estudo, número de participantes e acompanhantes para os estudantes, alimentação, autorizações das famílias e telefones para contato, condições de transporte, documentação, materiais necessários para atividades. E quais ferramentas metodológicas precisam estar presentes quando se visita diferentes espaços educacionais? Segundo Madalena Freire (1996, p. 1), são cinco os instrumentos metodológicos. São eles: a observação, o registro, a reflexão, a avaliação e o planejamento, porque este apura todos os sentidos.

Este capítulo salientou o “Planejamento e organização (antes, durante e depois) de um projeto de TP”. No próximo, daremos continuidade à discussão dos resultados no que tange as experiências dos docentes em aulas de TP, onde os dados coletados serão interpretados e conectados ao referencial teórico, o que gera as compreensões centrais do estudo.

Experiências ao relacionar conteúdos teóricos e de diferentes áreas do conhecimento com a realidade durante os projetos de TP

Na ocasião da pesquisa foram encontradas a partir das entrevistas as experiências vividas pelos professores nas aulas-passeio. Nesta seção encontram-se quatro temáticas: a) o desenvolvimento da autonomia por meio das caminhadas-passeio, b) para além dos cinco sentidos: a horta escolar como espaço para aula-passeio, c) viagens mais recreativas do que pedagógicas, d) o conhecimento in loco a partir das viagens.

Em relação ao primeiro tema encontrado, o P4 comunica que durante cada caminhada-passeio é possível trabalhar o conhecimento de si, do próprio corpo, dos outros e do espaço educativo: “a questão do conhecimento do corpo e de conhecer o seu espaço, [...] eles vão se conhecendo a cada relacionamento que eles vão desenvolvendo durante a caminhada, vão se sentindo mais autônomos.” E diz “aquele aluno que é bastante tímido, nas caminhadas vai começar a desenvolver um pouco mais sua timidez, é um processo que leva tempo. É uma formação e afirmação de sua personalidade que acontece aos poucos durante as aulas-passeio. “Salienta que “era um trabalho interdisciplinar [...] eu como professor de educação física tinha o retorno para outros professores”.

Ele exemplifica que “a professora de Ciências, com questões de animais e das plantas, de Geografia, que envolvia o relevo, de Matemática a distância e o tempo que levava o passeio, de Português na forma de interpretar o nome dos objetos e de fazer textos.” E completa seu depoimento ao afirmar que “em cada caminhada-passeio era um conhecimento muito rico, porque enriquecia os estudos das crianças em todos os sentidos.” A P6 alega que durante as caminhadas-passeio “O piquenique era literário [...] colchonetes, livrinho pra passar o dia.” O P4 enfatiza que realiza “a partilha, fazemos lanches coletivos.” Diz que “o piquenique, que é uma viagem, um passeio, uma caminhada de estudo que é a partilha.

Segundo Moraes (2016, p. 83), “[...] os cinco sentidos (tato, audição, olfato, visão e paladar) e o turismo e a educação. [...] é a vivência e a experiência do novo que aguça a percepção dos sentidos.” Desse modo, de acordo com o mesmo autor (2016, p.85), “o ver, o sentir, o ouvir, o tocar e o falar fazem de uma experiência turística única; logo, são elementos essenciais de uma viagem.”

Sobre a segunda temática pode-se dizer que a carreta é o símbolo do distrito de São Valentim. E o P5 afirma que “na horta escolar, eles aprendem muito mais fazendo,



do que se eu ficasse só explicando no quadro como é que é feito.” Ele alega que “Aula-passeio deixa uma marca, onde eles vão fica registrado na memória, onde eles botam a mão na massa, praticam, teorizam, experienciam, nunca mais esquecem.” A P6 alega que durante uma aula-passeio “Dá para trabalhar com um pouco de cada disciplina, e fazer um monte de experiências com as crianças. A gente plantava e coletava, depois levava mudinhas para casa. [...] experiências com cores, sabores, [...] cozinhava com eles”.

E justifica o motivo: “mais para trabalhar os cinco sentidos, isso a gente fazia na escola e depois a gente levava para o passeio.” Mas também “até para alguma atividade que tinha o mosaico dos saberes da escola, evento que era pra mostrar o que elas faziam na escola. [...] compartilhava tudo isso lá no CTG (Centro de Tradições Gaúchas).” Comenta que nestes passeios, “era o lanche deles e o lanche da escola, porque tinham crianças que não podiam trazer lanche de casa, a gente dava um dinheirinho para eles poderem comprar também, às vezes, para não se sentirem desanimados”. A P8 diz que: “A palavra turismo acontece em locais turísticos, sociais, culturais e religiosos, ir na horta escolar, ali não é um lugar turístico, do ponto de vista de muitos autores, ali pode ser uma visita, uma aula-passeio.”

Ao promover projetos interdisciplinares com este trabalho, haverá motivação dos alunos e professores de forma a contribuir no processo de ensino e aprendizagem.

Freinet conseguia uma aula viva em que os alunos estudavam e conheciam mais profundamente seu meio. Assim, a construção do conhecimento era coletiva. As aulas-passeio não eram tempo perdido, pois todas as disciplinas escolares poderiam tirar proveito delas [...] favorecendo a interdisciplinaridade. (MORAES, 2016, p. 94).

Sabe-se que neste trabalho, se faz presente, viagens mais recreativas do que pedagógicas ou vice-versa. Mas estas viagens não deixam de ser pedagógicas, pois estas procuram educar de certa forma os indivíduos considerados “turistas” nas escolas.

No que diz respeito ao terceiro tema, o P5 relata que “fomos na ASSUFMS (Associação do Servidores da Universidade Federal de Santa Maria) todos os anos iniciais, aí foi o dia todo, era pela semana da criança, mais recreativa do que pedagógica, mas entra também o pedagógico.” E justifica o porquê: “Questão do lixo, da socialização, de estar em outro espaço e de saber respeitar o outro espaço, comportamento dentro do ônibus, responsabilidade.” Por trás de toda viagem, há uma Pedagogia que educa.



Freinet incentivava a produção de textos livres e criava relações diferentes com as crianças, como se eles formassem uma família e conta que: “Falávamos, comunicávamos num tom familiar, os elementos de cultura que nos eram peculiares e de que tirávamos todos, professor e alunos, benefícios evidentes. Quando voltávamos à aula, fazíamos no quadro o balanço do ‘passeio’”. (FREINET, 1973, p. 24) Torna-se imprescindível enfatizar o conhecimento *in loco* a partir dos projetos de TP.

Por fim, sobre o último tema encontrado, o P1 conta que “É sempre mais fácil relacionar a teoria com a prática realizando um projeto de turismo pedagógico.” e acrescenta ao seu diálogo “quando fui trabalhar matemática com área e perímetro, a gente foi para a horta medir canteiro pra deixar de ser só atividade na malha quadriculada, na folha A4.” E complementa: “A gente saía para medir a quadra esportiva do campo que as crianças jogavam bola, aproveitava para juntar o útil ao agradável. Não era passeio só por passeio para matar aula.” Ela relata: “fiz um projeto com minha turma de estágio da faculdade, eles juntaram dinheiro, cada um trazia pra escola o que tinha em casa para vender lá, cada um juntou uma quantia x. Quem não vendeu, a família deu.” Destaca: “Mas o objetivo era que eles produzissem o dinheiro pra ir na Feisma. E aí lá eles iriam fazer uma compra, foi uma atividade de quase dois meses de trabalho em cima desse passeio [...] fazer as contas e ver o que sobrou, o que faltou.”

Havia jogos interescolares que envolviam gincanas e brincadeiras e desafiavam os alunos e suas famílias. O P4 ainda diz que “O projeto dos jogos interescolares com os anos iniciais, a gente fazia em forma de gincanas, brincadeiras, o desafio é a palavra-chave com os pequenos.” E finaliza: “nunca deixei um aluno fora de qualquer atividade por falta de habilidade ou de competência, tem que dar oportunidade, ensinar a todos, estimular a participação ativa que inclua todos em aula.” A P2 informa que “A ciência não pode ser trabalhada só na sala de aula, porque a ciência é viva, tá lá fora e as outras disciplinas também, tu vês *in loco* ali o que tu aprendes numa teoria, numa escrita no quadro ou num desenho que tem lá no livro”.

Comenta que a ciência “amplia o conhecimento, facilita o trabalho do professor e o aprendizado das crianças! Fazer fora da sala de aula um terrário é bem diferente do que apenas ver lá na internet.” A P2 destaca que o projeto de teatro “era junto com outra professora que trabalhava a história do município, dos carreteiros, como desenvolveu, como foi o início e o fim, a gente montava esse teatro em cima desse tema e íamos no CTG e em outros locais apresentar nosso trabalho”.

E acrescenta: “lançamos o livro baseado nos passeios, nos teatros.” Segundo a P2: “toda saída da sala de aula é um aprendizado interdisciplinar, seja qual for a área de conhecimento, as crianças aprendem de forma dinâmica, responsável por si, pelo outro, pelo planeta.” E completa sua fala: “Hoje tem o recurso da internet, naquela época não tinha telefone nem computador. Não tinha TV”.

O P5 diz que “Aqui no distrito tiveram as carreteadas, fizemos um projeto e trabalhamos duas ou três semanas, somente o tema carretas e os alunos fizeram em casa. [...] as carretas [...] tiveram que trazer para escola e daqui levar para o distrito. “Comenta: “tínhamos um projeto “Jovens empreendedores: primeiros passos”. Nós fomos ao balneário, passamos o dia, eles aprenderam o empreendedorismo rural.” E complementa: “meu projeto era destinado à culinária local.

E depois com o recurso que era adquirido com esta venda no dia da feira, nós íamos passear [...] aprendiam a convivência, a responsabilidade, o recolhimento do lixo, a preservação do ambiente.” O P5, relata o projeto de outras professoras: “O projeto delas é cultura popular, das danças típicas gaúchas. Quando a gente vai no distrito, no CTG, todos os projetos são levados pra lá, o que se apresenta para o público é o da dança, um grupo que faz a apresentação.”

A P7 alega que “nos anos iniciais, todos os conteúdos tu consegues fazer de uma forma interdisciplinar, se tu vais falar do projeto da agricultura familiar, tu já vai trazer a análise de uma música [...] eles trazem a indagação da família.” Informa que “o que eles entendem por agricultura familiar, se conhecem algum agricultor familiar, o que eles plantam e colhem, e daí tu vai trazendo alguns ganchos das histórias da realidade deles né, dá para fazer um gráfico a partir desse trabalho.” Insere a sua fala que “A ideia, a proposta da escola é vincular o conhecimento com aquilo que é vivenciado em casa”. E complementa: “tem um plano de estudo do MEC né, vivências comunitárias que são questionamentos que vão para casa e que as crianças têm que dialogar com a família”. Informa que “aquele retorno que vem da família é o que vai servir de base pra gente fazer a nossa intervenção na escola, nossos projetos integradores”.

Segundo ela, “é um fio condutor, uma coisa vai ligando a outra.” A P8 diz que a aula-passeio “potencializa a aprendizagem do aluno no momento que ele vivencia na sala de aula aquele conteúdo, aquele objeto do conhecimento.” Pois, segundo ela, “ao sair, ele consegue fazer as relações, os links com aquilo que ele viu entre quatro paredes [...] enriquece o currículo dele, da escola.” Diz que “O projeto de empreendedorismo foi desenvolvido aqui durante um período por vários professores das áreas do

conhecimento.” E diz: “fomos visitar uma propriedade lá de um empreendedor para poder aprender na prática aquilo que foi ensinado aqui na teoria [...] faz parte da nossa proposta pedagógica.”

A P9 explica que “é muito mais fácil da criança gravar o conteúdo da disciplina quando a gente trabalha em sala de aula e depois leva elas para fora da sala de aula”. Integra a sua fala que “a gente tava desenvolvendo um projeto sobre evolução tecnológica no campo e a gente assistiu a vídeos, realizou rodas de conversa sobre a vida de antigamente e a vida de hoje.”

Com este projeto, alega que “trabalhou sobre agricultura familiar, sobre o desenvolvimento agrícola, sobre a presença das ferramentas que eram usadas no campo”. E complementa: “depois a gente acabou fazendo nosso passeio, nossa viagem de estudos, numa propriedade rural da família de um dos alunos onde eles puderam observar que tinha carreta antiga, que é o símbolo do nosso distrito.” Relata que a partir disso foi feito um “memorial”. E diz que “eles puderam observar o que eles têm, a maioria tem máquina, plantadeira, tem colheitadeira, [...] como era antigamente morar numa propriedade rural sem ter o telefone, sem ter a internet, sem ter o computador, sem ter uma televisão.” Comenta que “eles conseguiram trazer isso para escola, tanto numa entrevista que fizeram com a família, é um trabalho interdisciplinar, com certeza.” A P9 comunica que “Quando a gente retorna do turismo pedagógico, desde que eu tenha o uso do celular, a gente retorna para a sala de aula, para a escola. É realizada uma roda de conversa onde a gente ouve os alunos.” Esclarece que “a gente oportuniza a observação destas fotos e vídeos que são realizados no passeio para estimular a lembrança do que eles viveram né?[...] vivenciar isso para realizar essa memória.”

Relembra que “o professor precisa ficar muito atento para perceber o que os alunos conseguiram captar de tudo que vivenciaram nessas atividades extraclasse. E depois disso, fazer nosso registro pós-turístico.” Alega que “No pós-turismo. 1 série, eles fizeram desenhos, palavras, e destas palavras a gente criou um texto coletivo, foi feito um texto no quadro e as crianças registraram no caderno.” Diz que “a gente tava ali gravando eles e mandando notícias para as famílias.”

A P10 destaca um trabalho conjunto: “essa conexão com os anos iniciais e finais [...] trabalhei a história do distrito no projeto de identidade rural e outra professora fez o mesmo trabalho de forma mais simples e mais lúdica para que os alunos entendessem o tema.” E complementa: “Principalmente com os anos iniciais, o lúdico é bem importante e esse foi um trabalho interdisciplinar bem interessante.” Segundo o P5,

“Quase sempre vai mais de uma turma, devido a pouca quantidade de alunos por turma, porque para poder disponibilizar o transporte, uma turma só, é complicado.” A P9 relata que já foi passear com quatro turmas na cidade e segundo ela, não foi proveitosa a aula-passeio: “é melhor juntar crianças de níveis mais aproximados e de interesses mais aproximados.” E diz o porquê: “O interesse de uma criança na educação infantil e 1º ano dos anos iniciais são interesses que se aproximam, o interesse de 3º e 4º anos se aproximam, mas juntar uma turma de 1º ano com 4º ano, os interesses já são diferentes.” Assim, não aconselha a junção dos anos iniciais e finais em um projeto de TP.

Segundo Fazenda (2008), interdisciplinaridade não é apenas junção de disciplinas, é como uma atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento:

Se definirmos interdisciplinaridade como junção de disciplinas, cabe pensar no currículo apenas na formatação de sua grade. Porém se definirmos interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores (FAZENDA, 2008, p. 17).

Por isso, é necessário pensar os aspectos que envolvem a cultura dos diversos espaços educacionais e, principalmente, da universidade referente aos cursos de formação de professores. Pois, se a universidade possibilita que estes futuros professores possam vivenciar e experimentar estas práticas de TP que abraçam a interdisciplinaridade, ela, de fato, enriquece.

Com a finalização deste capítulo, no próximo, será discutido sobre a avaliação das atividades dos projetos de TP, onde os dados coletados serão interpretados e conectados ao referencial teórico, o que gera as compreensões centrais do estudo.

Avaliação das atividades dos projetos de TP

No ambiente da pesquisa foi descoberto a partir das entrevistas como os professores avaliam as atividades dos projetos de TP. Nesta seção encontram-se quatro temáticas: a) o interesse da criança no momento da aula – passeio como forma de avaliação, b) os registros escritos, orais e audiovisuais como instrumentos avaliativos, c) as atividades avaliativas por meio da liberdade de expressão de registros individuais e coletivos, d) a avaliação processual e o respeito aos níveis de alfabetização para o desenvolvimento integral.

Sobre a primeira temática, o P5 comenta que “A avaliação é mais comportamental quando é passeio mais de lazer, como é que foi o grupo? O que deu

errado? O que deu certo? Podemos fazer de novo? [...] O que a gente pode melhorar?” E complementa: “Mas quando a viagem é de estudos, aí eles levam um bloco de notas ou roteiro.” A P1 comenta que “para avaliar o trabalho, geralmente, a gente fazia uma produção de texto, mas a maior avaliação era, principalmente, o interesse da criança, fazia a minha avaliação do projeto se tinha tido sucesso ou não, normalmente era no momento do passeio.” E enfatiza que “sempre tinha uma atividade com as crianças, um encerramento na sala de aula comentando o passeio ou a viagem né, dependendo do objetivo traçado durante a aula.”

Além da produção de textos, outra forma de avaliação torna-se o interesse da criança ao longo da aula- passeio. Para Freinet (1973), o texto livre é um instrumento de escrita que possibilita a comunicação e dá voz ao pensamento das crianças nos diferentes espaços educacionais vivenciados durante uma aula-passeio. É importante salientar que esta avaliação formativa precisa refletir não apenas sobre a prática discente, mas também a própria prática docente. São instrumentos avaliativos não apenas os registros escritos, mas também os registros orais e os registros audiovisuais que ajudam a potencializar a reflexão dos ensinantes e aprendentes nos projetos de TP.

De acordo com a segunda temática, a P3 informa que “Sempre é avaliado o que o aluno observa, acompanha, produz e apresenta ou será dado nota ou parecer. Tudo era avaliado a partir dos textos”. E complementa que o TP “completa seu trabalho teórico com a prática, abre horizontes, o aluno aumenta seu vocabulário, a boa integração, trocas de experiências, sugere, relata o que foi registrado na aula-passeio”.

E conclui que “na hora da apresentação, as crianças nos surpreendem com a riqueza de conhecimento, principalmente aqueles que se destacavam na escrita dos textos livres.”

A P6 comunica que a avaliação “era observar situações vivenciadas por eles e transformar em perguntas, eles contavam histórias do passeio e da viagem, a gente fazia uma roda de conversa e contava as novidades, o que viram de diferente, se gostaram ou não.”

A P9 comenta que a avaliação é feita ao reviver o passeio, pois segundo ela “A avaliação é sempre feita depois dos passeios, quando se chega na escola, um dia depois ou na próxima aula”. Relata que “costuma passar para eles as fotos e os vídeos do passeio, fazer uma roda de conversa pra escutar os alunos e reviver aquele passeio [...] olha vi aquilo ali, bah, foi legal, não foi legal”. Informa que “aquela adrenalina da saída

pedagógica, às vezes faz com que eles retornem só com uma visão: da diversão e não a visão do estudo.”

A P2 alega o seguinte: “A avaliação era mais o diálogo [...] discutiam tudo o que eles tinham visto lá. Em geral, poucos levavam apontamentos, um ou dois levavam caderno para apontar, mas a maioria não”. E comenta que, geralmente, pouquíssimos alunos realizavam registros escritos e sim mais registros orais: “Tinha algum registro escrito, registro oral, a gente colocava no quadro e discutia em cima daquilo ali.” Esta vivência interdisciplinar favorece as diversas disciplinas científicas e a própria Pedagogia que também é uma ciência.

De acordo com Fazenda (1979, p. 8), interdisciplinaridade não se ensina, se aprende, apenas vive-se, exerce-se e por isso exige uma nova pedagogia: a da comunicação. Sem sombra de dúvida, as atividades avaliativas podem surgir através da liberdade de expressão das crianças diante de registros individuais e coletivos.

No que se refere a terceira temática, o P5 esclarece que “Na volta sempre é feito uma atividade avaliativa, ou seja, por desenho, ou seja, por escrita, ou seja, oralmente com o grupo, um trabalho individual ou um trabalho em conjunto, em trios ou em duplas.” O P4 relata que a avaliação se dava a partir da liberdade de expressão, pois comenta o seguinte: “Quando eles podiam se manifestar através da comunicação escrita ou se não, fazendo a comunicação oral do que eles tinham visto lá e bem à vontade, cada um poderia se expressar de forma livre.” E traz uma lembrança de “questões assim que nem eu, professor, tinha explicação no momento para eles e pedia que perguntassem para o pai, para a mãe, sobre aquela situação [...] Era pra trazer um conhecimento de casa e conversar depois com colegas e com professor.” Sabe-se que se deve avaliar todo o processo das crianças ao longo das práticas de TP.

Segundo Moraes (2016, p. 89), “o turismo serve como um instrumento no processo educacional e gera um enriquecimento de aprendizagem pessoal”. Torna-se cada vez mais visível a importância da avaliação processual e respeito aos níveis de alfabetização no desenvolvimento integral humano.

Por fim, no que envolve a última temática, o P5 comenta que “A gente tá sempre de olho, ajudando quem precisa de ajuda, e avaliando o processo de cada um durante os passeios ou as viagens de estudos.” A P7 enfatiza que “A avaliação é ver o que ficou na memória das crianças, se eu atingi o meu objetivo com aquela metodologia” e a atividade avaliativa vai depender muito do processo de cada criança. Ela informa que “Como na turma do 3ºano, a gente tem alunos que já estão alfabetizados e alunos

iniciando a alfabetização, depende de como eles estão no processo deles,” até porque como ela disse “tem uns que vão fazer por desenho, outros vão fazer por palavras-chave, outros vão fazer por uma escrita, outros vão conversar comigo porque lá na escola a gente tem esse olhar né, cada turma tem os níveis de alfabetização”. E complementa “a gente vai começando a desenvolver integralmente o máximo possível cada um e nem sempre a gente consegue atingir tudo.”

A P8 esclarece que se avalia como um todo, pois “A avaliação é formativa [...] são avaliados processualmente. A avaliação é um processo [...] na ida, no decorrer do caminho, no estar lá, o professor já está avaliando o aluno”. Complementa que: “a prova não é uma avaliação, é um instrumento que faz parte da avaliação.” A P10 revela que avaliava de forma atitudinal, procedimental e conceitual, mas também que “o aluno tinha que apresentar um relatório e aí depois era discutido em aula, [...] um círculo com o grupo pra ver qual foi a mensagem, se eles conseguiram responder todas as perguntas”. Mas também, “o que eles mais gostaram e o que menos gostaram e o que nós poderíamos melhorar para o próximo trabalho, a avaliação era desde a saída da escola até o retorno dos passeios ou das viagens né, desde o respeito nos locais.”

Enfatiza que “Na avaliação atitudinal, o aluno era orientado em relação às suas atitudes desde o momento em que saía da escola”. Salienta que a avaliação é “procedimental quanto às expectativas e durante o processo como eles estavam fazendo ali, vendo o objetivo deles, processando o que a gente havia conversado antes de chegar no lugar”. Comunica que “conceitual, o que ficou na memória com aquilo ali, que conceito, o que eles perceberam com aquele trabalho.”

O contato direto com recursos da natureza, da cultura, da história e da sociedade faz com que os alunos, mas também os professores elaborem perguntas e busquem respostas para várias situações vividas fora do limite da escola.

O turismo pedagógico pode ser desenvolvido por equipes multidisciplinares que envolvam bacharéis em Turismo e professores das mais diversas áreas [...] o importante é que haja um deslocamento do ambiente escolar, visando a organização de situações de aprendizagens, relacionadas a conteúdos curriculares, a valores éticos e estéticos, além de atitudes formativas. (MORAES, 2016, p. 100).

É gritante a precisão da avaliação formativa, bem como a necessidade de profissionais da educação que organizem espaços educacionais que favoreçam a interdisciplinaridade no currículo da escola, mas também valores éticos e estéticos que possibilitem o desenvolvimento da formação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar “As práticas educativas interdisciplinares em projetos de turismo pedagógico” a partir de um estudo de caso na Escola do campo José Paim de Oliveira. Estudaram-se as práticas educativas interdisciplinares em projetos de TP nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Definiram-se três objetivos específicos, sendo que a pesquisa de campo foi a partir da metodologia qualitativa, com entrevista semiestruturada com dez professores da escola.

Com o primeiro objetivo da pesquisa, demonstrou-se que as práticas interdisciplinares de TP podem ser evidenciadas ainda por meio da liberdade do planejamento integrado considerando os interesses dos protagonistas da escola; com a socialização das culturas escolares e comunitárias no planejamento dos projetos de TP; por meio da responsabilidade de planejar com flexibilidade a partir de cada turma; o incentivo a curiosidade de registros audiovisuais por meio da escola; as vivências em contextos diferentes que encantam e desencantam as expectativas sobre a realidade; a importância da atenção para a segurança das saídas pedagógicas e o impacto da educação financeira nos projetos de TP.

Com o segundo objetivo, visou levantar o desenvolvimento da autonomia por meio das caminhadas-passeio, trazendo a possibilidade de trabalho com conteúdos de diversos domínios, por exemplo: os cinco sentidos envolvendo a horta escolar como espaço para aula-passeio. Os professores manifestaram ainda que, as viagens são mais recreativas, porém não deixam de ser pedagógicas e o conhecimento *in loco* está presente a partir dos projetos de trabalho.

Com o terceiro objetivo, houve diálogos sobre o interesse da criança durante a aula passeio como forma de avaliação, os registros escritos, orais e audiovisuais como instrumentos avaliativos, as atividades avaliativas por meio da liberdade de expressão de registros individuais e coletivos e a avaliação processual e o respeito aos níveis de alfabetização para o desenvolvimento integral.

A promoção destes projetos de trabalho se dá de forma integrada na sociedade. E estas práticas interdisciplinares que envolvem diversos ambientes sociais desenvolvem a capacidade de participar de forma ativa, bem como de respeitar o

convívio social e de relacionar os saberes e fazeres científicos com a vida real, aproximando cada vez mais a vida na escola e a vida em comunidade.

O trabalho interdisciplinar, ou seja, o trabalho coletivo, que envolve a responsabilidade do planejamento flexível de projetos de TP integra o ritmo de cada turma, interesses de crianças e professores, socialização das culturas escolares e comunitárias, certa liberdade dos estudantes optarem pelos passeios ou viagens, escolha de grandes grupos (passeios maiores) e pequenos grupos (passeios menores) diante dos acessíveis espaços educacionais que podem receber escolas, e boa condução do corpo docente e discente, temáticas adequadas às práticas interdisciplinares de TP que vem da curiosidade do grupo de trabalho.

Envolve o contrato de convivência com a turma, autorização e estratégias para atrair as famílias (bilhetes, ligações telefônicas e reuniões pedagógicas, grupos nas redes sociais), transporte (da escola ou da prefeitura da cidade), obtenção de recursos financeiros e se preciso, há o incentivo a projetos solidários para arrecadar dinheiro, materiais (garrafa d'água, protetor solar, boné ou chapéu, sapato e roupa confortável, repelente, lanche de casa ou da escola, etc.);

Às vezes é realizada uma aula-passeio para depois trabalhar certo tema ou vice-versa. Há ainda o incentivo a curiosidade de diversas formas de comunicação e expressão artística (registros escritos, orais, audiovisuais - fotos e vídeos, maquetes, desenhos, apresentação de trabalho) por meio de perguntas norteadoras em roteiros de estudos, relatórios individuais ou coletivos, bloco de notas durante as aulas-passeio. Isso mostra a importância da atenção para a segurança das práticas de TP. Este planejamento interdisciplinar também envolve observação, reflexão, registro e avaliação. Esta é dialógica, formativa (atitudinal, procedimental e conceitual) e se dá conforme o processo de cada aluno ou grupo, dos seus níveis de alfabetização, respeitando o desenvolvimento integral da turma.

As experiências interdisciplinares destes projetos de trabalho são diversas: caminhadas ecológicas acompanhadas de piqueniques literários ou não, aula-passeio na horta escolar. Mas também projetos de trabalho como: Projeto “Jovens empreendedores: primeiros passos” (culinária), projetos de teatro (produção de livro), projetos de gincanas escolares (jogos e brincadeiras), projetos sobre “Sustentabilidade”, “Conservação Ambiental”, “Identidade Rural”, “Agricultura Familiar”, “Educação Tecnológica no Campo”, “Inovação e Empreendedorismo”, “Cultura Popular” (dança



gauchesca) que envolvem os alunos, as famílias, a comunidade e são criados por vários professores das diversas áreas do conhecimento.

Um dos motivos para a escolha deste tema de pesquisa é a necessidade de ler o mundo, de compreender que a felicidade durante um projeto de TP está no caminho, desde início ao fim. Aprende-se que o TP pode ser a nova sala de aula da atualidade, porque ela pode ser do tamanho do mundo inteiro.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro, São Paulo: Edições 70, 2011. Disponível em: <<https://ead06.proj.ufsm.br/mod/resource/view.php?id=1698937> . Acesso em: 08/01/22.

BONFIM, M. V. S. Por uma Pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Turismo Visão e Ação (Eletrônica)**, v. 12, n. 1. p. 114-129, jan/abr, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/1127>>. Acesso em: 07/06/2022.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.

FAZENDA, I. C. A. (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FREINET, C. **As técnicas Freinet da escola moderna**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1973.

FREIRE, M. **Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I**. 2 ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

HERNANDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MILAN, P. L. **Viajar para aprender turismo pedagógico na região dos Campos Gerais** - PR. Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

MORAES, C. M. S. et. al. **Turismo Pedagógico**. Rio de Janeiro: Cederj, 2016, 232p.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. **Uma escola pública em debate. Escola da Ponte**. São Paulo. Editora Cortez, 2015.

SCREMIN, J.; JUNQUEIRA, S. Aprendizado Diferenciado: Turismo Pedagógico no âmbito escolar. **Caderno de Estudos e Pesquisas em Turismo**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, v. 1, p. 26-42, jan./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.academia.edu/download/38495352/turismo-7031.pdf>>. Acesso em: 23. julho. 2022.



TRIVINOS, A. A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <<https://ead06.proj.ufsm.br/mod/resource/view.php?id=1698924>>. Acesso em: 08/01/22

Submetido em: 26/01/2025

Aceito em: 20/06/2025